

A estação paleolítica da Mealhada nos 120 anos de estudo do Acheulense em Portugal

João Pedro Cunha-Ribeiro*

Resumo

Descoberta há 120 anos, a estação paleolítica da Mealhada permaneceu inédita até aos inícios do século XIX, altura em que se publicou uma primeira notícia com o resultado das investigações aí inicialmente conduzidas e que haviam permitido a recolha de objectos talhados de "tipo Saint-Acheul" num nível sedimentar que se sobrepunha a outro de onde provinham vestígios de grandes mamíferos já extintos. A ulterior publicação de diversos trabalhos sobre a jazida, bem como as múltiplas referências que a ela foram sendo feitas, levaram contudo a defender a sugestiva associação dos materiais arqueológicos com a fauna exumada, o que é manifestamente contraditado pelos resultados que se conhecem das primeiras escavações aí efectuadas, embora tal equívoco tenha persistido até à actualidade.

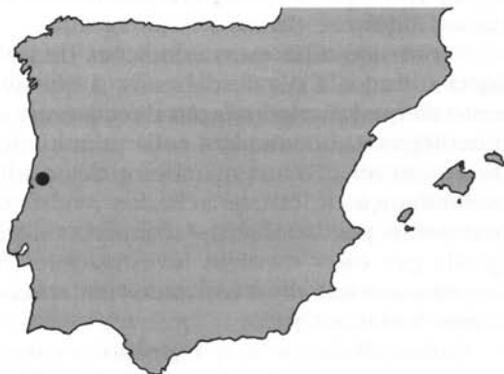
Résumé

Découvert il y a 120 ans, le gisement paléolithique de Mealhada, inédit jusqu'au début du XX^{ème} siècle, date de la publication d'une première note où se présentaient les résultats des recherches menées dans le site, a fourni une industrie de type Saint-Acheul, trouvée dans un niveau sédimentaire, qui se superposait à un autre où il y avait des restes de grands mammifères aujourd'hui disparus. Recherches postérieures ont, néanmoins, associé les deux niveaux de forme abusive et contra-dictoire avec les résultats des premières recherches.

* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Alameda da Cidade Universitária, 1699 LISBOA Codex.

1. Introdução

A estação paleolítica da Mealhada, situada cerca de 14 km a norte de Coimbra, nas margens do rio Cértima, um dos principais afluentes do Baixo Vouga, foi o local onde se identificaram pela primeira vez em Portugal vestígios arqueológicos atribuíveis ao Acheulense. A esta curiosidade acresce a circunstância de os materiais líticos e paleontológicos nela exumados há mais de um século terem vindo a ser objecto de múltiplas referências e de sucessivas interpretações, prolongando-se o seu estudo até aos nossos dias. Praticamente nenhuma obra de síntese sobre a Pré-história antiga em Portugal ignorou a sua existência, destacando-se muitas das vezes a sua importância no quadro das inúmeras descobertas que se lhe sucederam.



Globalmente emerge de todos estes trabalhos e publicações uma valorização constante da jazida no contexto do desenvolvimento dos estudos sobre o Paleolítico em Portugal, podendo-se neles entrever muitas das preocupações e paradigmas que ao longo do tempo lhes estiveram subjacentes. Ora, longe de

pretendermos repetir ou actualizar uma resenha das investigações efectuadas na estação paleolítica da Mealhada ou em torno do seu espólio, afigura-se-nos porém pertinente a realização de um breve balanço de tais trabalhos, não só no intuito de discernir as motivações de muitas das interpretações aí aduzidas, como também de ultrapassar alguns equívocos a que a sucessão dessas mesmas interpretações deu por vezes lugar.

A pretensão de concretizar este nosso objectivo no âmbito do volume comemorativo do centenário de uma revista como *O Arqueólogo Português* permite lembrar o facto de em 1996 se passarem exactamente 120 anos sobre a descoberta desta jazida acheulense, efeméride esta que nos remete também para as vicissitudes que desde então o estudo do Acheulense tem conhecido entre nós.

2. A descoberta da jazida: primícias das investigações

A existência desta estação arqueológica foi indicada em 1876 a Carlos Ribeiro pelo Dr. Costa Simões, após a descoberta fortuita dos primeiros vestígios quaternários na vila da Mealhada.

A importância de tais testemunhos veio a determinar a realização entre 1879 e 1880 de trabalhos de escavação no local, sob a orientação de Joaquim Filipe de Nery Delgado. Os resultados obtidos ficaram porém aquém das expectativas, já que a única referência que então é feita a tais investigações surge episodicamente no discurso pronunciado por Carlos Ribeiro, na qualidade de Secretário-geral do Congresso que decorreu em Lisboa em 1880, na respectiva cerimónia inaugural. Aí se referem “quelques quartzites et des silex taillés qui paraissent appartenir au type de Saint-Acheul” (Ribeiro, 1884a, p. 15), detectados numa formação que localmente se sobrepunha a um depósito fóssilífero onde se havia identificado a presença de grandes mamíferos há muito desaparecidos da região (*Equus, Elephas e Cervus*).

Terão sido aliás estas condições de jazida que determinaram a pouca relevância atribuída a tais descobertas, já que as mesmas inviabilizavam o estabelecimento de qualquer correlação directa entre os vestígios faunísticos e os materiais arqueológicos encontrados, nada permitindo concluir sobre a antiguidade destes últimos em relação aos mamíferos detectados no nível subjacente. Desta forma, à semelhança de outros achados avulso de menor importância constituídos igualmente por artefactos atribuíveis ao Paleolítico inferior, efectuados de seguida por estes mesmos investigadores, também os resultados provenientes dos primeiros trabalhos realizados na jazida da Mealhada permaneceram inéditos durante bastante tempo.

Carlos Ribeiro e Nery Delgado, a cujo labor se devem não só as investigações pioneiras que conduziram à identificação de múltiplos vestígios da presença do homem pré-histórico em Portugal, como também o aparecimento dos primeiros estudos sobre tais achados, centravam então parte significativa do seu empenho na procura de testemunhos da grande antiguidade do homem, seguindo de perto os propósitos coevos dos seus pares europeus (Grayson, 1983). Inseriam-se claramente no âmbito dessas preocupações primordiais os trabalhos pioneiros realizados por Nery Delgado na Gruta da Casa da Moura, entre

1865 e 1866, onde se detectou a presença de artefactos e ossos humanos num nível em que se encontravam também representados mamíferos há muito extintos (Zilhão, 1993), bem como as investigações desenvolvidas por Carlos Ribeiro em torno da hipótese de se fazer remontar a presença do homem ao Terciário. Foi contudo neste último tema que se polarizou boa parte da atenção dos investigadores nacionais no final do século XIX, tendo mesmo a divulgação dos achados efectuados por Carlos Ribeiro levado à reunião em Lisboa, em 1880, do 9.º Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas (Ribeiro, 1884b).

Neste contexto, não admira pois que as descobertas efectuadas na Mealhada tenham passado para segundo plano, nunca tendo sido convenientemente divulgadas pelos seus directos responsáveis.

3. O dealbar das primeiras sistematizações: a divulgação dos achados

Nas primeiras décadas do século XX assistiu-se ao aparecimento de uma nova geração de investigadores que não só multiplicaram o número de jazidas e locais arqueológicos associáveis ao Paleolítico inferior, como vieram permitir alargar os achados a regiões do país que haviam permanecido à margem das anteriores descobertas. Entre os investigadores referidos destacavam-se os nomes de Joaquim Fontes e de Vergílio Correia, ambos também responsáveis pela tentativa de elaboração das primeiras sínteses sobre o Paleolítico em Portugal.

Mas se no caso de Vergílio Correia tal esforço se traduziu na publicação de um simples inventário das descobertas até então efectuadas (Correia, 1912), Fontes tentou ir um pouco mais além, procurando apresentar um enquadramento cronológico-cultural dos vários materiais por si recolhidos, mesmo tendo em conta a circunstância de na sua generalidade esse espólio ter sido encontrado à superfície (Fontes, 1911). Para o efeito socorreu-se do sistema classificativo criado por Gabriel de Mortillet no final do século XIX para o estudo das indústrias paleolíticas francesas, o que no caso do Paleolítico inferior se traduziu quase que exclusivamente na análise dos bifaces, vulgarmente ainda designados como “coups-de-poing”, os quais foram repartidos entre a *Época Cheleana* e a *Época Acheuleana*¹. Registe-se que, no essencial, esta classificação se aplicou em Portugal sem grandes modificações substanciais até aos anos quarenta.

Ora, reportando-se a totalidade dos materiais a achados desprovidos de qualquer conexão com um contexto geoarqueológico minimamente explícito, compreender-se-á melhor a importância então dada por Fontes à divulgação das

¹ No primeiro grupo integraram-se os “coups-de-poing” grosseiramente talhados, em geral apontados e com dimensões reduzidas, enquanto no segundo grupo se incluíram “coups-de-poing” mais aperfeiçoados, cujo frequente retoque dos bordos determinava a definição de gumes menos irregulares, o que consubstanciava um esquema de análise claramente derivado dos postulados do evolucionismo unilinear defendido por Mortillet.

descobertas outrora realizadas na Mealhada, que assim se distinguíam claramente das restantes pela sua integração numa sequência estratigráfica bem definida.

Não dispondo contudo do testemunho directo dos responsáveis pelas investigações originalmente efectuadas na Mealhada, nem tão pouco do dos colaboradores que nelas participaram, todos eles entretanto já falecidos, o referido autor procurou concretizar tal estudo a partir dos poucos documentos disponíveis (Fontes, 1915-1916). O seu esforço assentou essencialmente na análise dos vestígios paleontológicos e líticos provenientes da jazida e conservados no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, nas notas e etiquetas que acompanhavam tais peças, nos cadernos de campo de Nery Delgado e nas anotações de Paul Choffat, estas últimas provenientes de informações dadas pelo colector António Mendes.

Desta forma foi possível refazer os trabalhos inicialmente aí realizados, os quais se consubstanciaram na abertura de seis poços em diferentes locais, cinco deles identificados pelos nomes dos proprietários dos terrenos onde se situavam, tendo-se mesmo conseguido reconstituir a descrição estratigráfica observada em três dos poços: poço José Duarte, poço Dr. Adriano e poço Dr. Costa Simões. A abertura destas sondagens traduziu-se na escavação em profundidade de um poço com o qual se atingia o substrato jurássico, localmente representado por margas liássicas, procedendo-se em seguida à exploração de galerias horizontais nas camadas de argilas fossilíferas situadas na base da sequência. Esta estratégia levou, como aliás sublinhou J. Fontes, a uma exploração naturalmente limitada do nível arqueológico.

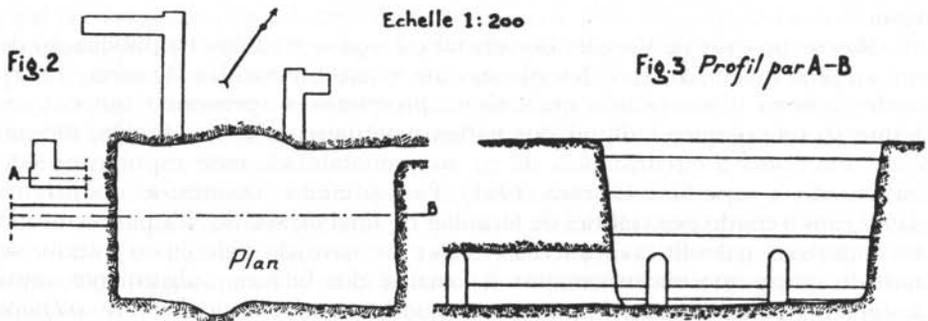


Fig. 1 – Planta e corte esquemático da abertura de um dos poços da Mealhada publicado por Fontes a partir do desenho original conservado na Biblioteca dos Serviços Geológicos (Fontes, 1915-1916).

Com o estudo dos materiais paleontológicos foi possível identificar a presença de *Elephas antiquus*, de *Equus* e de *Cervus elaphus*, a que se associava uma fauna malacológica constituída por *Limnea palustris*, *Valvata piscinalis*, *Limnea limosa*, *Planorbis albus*, *Cyclas* e *Unio*. No que se refere à flora apenas se indicou a existência de *Trapa natans*.

Relativamente aos vestígios arqueológicos Fontes assinalou a presença de 3 objectos talhados em sílex e 1 em quartzito. Este último, classificado como um

instrumento de “tipo chelense”, correspondia em termos morfo-tipológicos a um biface amigdalóide típico elaborado a partir de uma ampla lasca. Três das peças provinham do poço situado na propriedade do Dr. Adriano, enquanto a outra, em sílex, havia sido recolhida no poço aberto na propriedade de Augusto Ferreira.

No seu conjunto todos os materiais oriundos do poço do Dr. Adriano apresentavam cotas de profundidade que testemunhavam a sua associação a camadas que se sobrepunham claramente aos níveis fossilíferos localizados na base da sequência estratigráfica, o mesmo se podendo inferir para a peça encontrada no poço de Augusto Ferreira, muito embora aí não se tivesse conseguido reconstituir de forma precisa a estratigrafia originalmente observada.

Coligidos estes resultados, nos anos subseqüentes multiplicaram-se as referências a esta estação paleolítica, destacando-se sempre a importância de os vestígios arqueológicos nela detectados aparecerem integrados numa estratigrafia bem precisa (Fontes, 1923; Paço, 1934; Jalhay e Paço, 1941). Não obstante, J. Fontes não deixava de lamentar a circunstância de o reduzido número de objectos líticos talhados aí recolhidos não permitir “estabelecer uma cronologia que tão precisa é para estes estudos” (Fontes, 1932, p. 18).

Entretanto, no início dos anos trinta, havia-se assinalado nos limites do conchelo da Mealhada, nas imediações de Pampilhosa do Botão, a presença de uma pequena cavidade cársica no lugar da Fujaca². A escavação aí efectuada por Rui de Serpa Pinto permitiu exumar diversos vestígios paleontológicos e alguns artefactos, muito embora o seu estudo nunca tenha sido publicado, devido ao precoce desaparecimento deste investigador. Num trabalho recente sobre a fauna pliocénica portuguesa inclui-se porém a descrição de três dentes de *Bos primigenius* oriundos da Fujaca, muito embora o local seja aí por equívoco identificado como um depósito sedimentar similar ao da Mealhada, de que aliás é considerado correlativo (Cardoso, 1993).

4. Os anos quarenta: a renovação dos estudos

A presença em Portugal de Henri Breuil, no decurso da Segunda Guerra Mundial, trouxe uma acentuada renovação aos estudos sobre o Paleolítico, tendo os trabalhos então realizados por este pré-historiador contado com a estreita colaboração do geólogo Georges Zbyszewski, o qual veio posteriormente a assegurar a continuidade das investigações, num labor que se tem prolongado praticamente até à actualidade.

Os estudos iniciais de Breuil e Zbyszewski incidiram nos terraços fluviais que se espriam no baixo vale do rio Tejo e nas praias elevadas que se desenvolvem ao longo do litoral estremenho, evidenciando sempre um particular

² A existência desta jazida é amiúde referenciada na correspondência de Alberto Souto para Rui de Serpa Pinto que se encontra depositada no Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia, cuja consulta nos foi facultada através da prestimosa colaboração do Dr. Huet Bacelar, quando há alguns anos colaborámos na reestruturação das reservas do Museu da referida Instituição. A única indicação bibliográfica que dela conhecemos reporta-se a um pequeno artigo de Alberto Souto publicado no *Arquivo do Distrito de Aveiro* e sugestivamente intitulado “A geologia do Quaternário e o homem paleolítico do vale do Cértima” (Souto, 1939).

cuidado na correlação dos vários achados arqueológicos com o respectivo contexto geológico, por forma a determinar com precisão a sua posição cronológica.

A classificação das diferentes formações geológicas alicerçava-se num critério essencialmente altimétrico, decorrente de uma perspectiva glacio-eustática que permitia extrapolar a validade das observações efectuadas num dado lugar para outras regiões, ainda que algo distanciadas, inferindo-se assim da posição topográfica de um depósito a respectiva cronologia relativa. Quanto aos materiais líticos talhados, o respectivo estudo baseava-se numa descrição individual de cada objecto, sendo atribuída bastante relevância a alguns dos particularismos técnicos que evidenciavam, já que tais atributos constituíam frequentemente os únicos argumentos justificativos da sua associação a uma determinada indústria lítica. Na sua análise de conjunto as peças eram agrupadas em séries, de acordo com o estado de alteração física e química da sua superfície, partindo-se do pressuposto que as peças mais alteradas seriam as mais antigas.

No que se refere à jazida paleolítica da Mealhada, logo em 1940, G. Zbyszewski, numa primeira síntese sobre o litoral quaternário em Portugal, chamava à atenção para a importância de ela se encontrar integrada num depósito de terraço (Zbyszewski, 1940). Por outro lado, considerando algumas das espécies de grandes mamíferos aí identificados como características de uma fauna quente, o mesmo autor sugeria a sua associação, juntamente com a indústria “chelense” detectada, ao interglaciar Riss-Würm, fundamentando-se também esta sua interpretação na correlação dos depósitos estudados com o Quaternário de Marrocos.

Em seguida, em 1941, no decurso de uma breve visita à Mealhada de Henri Breuil na companhia de Orlando Ribeiro, Nogueira Gonçalves, Alberto Souto e Vergílio Correia, estes investigadores recolheram um número não especificado de peças paleolíticas nas terras que haviam sido removidas para a construção dos alicerces dos armazéns da Federação dos Vinhos, no interior da localidade (Correia, 1943). Na mesma ocasião, um pouco mais a sul, junto da velha ponte sobre o rio Cértima da estrada que se dirigia para a povoação de Casal Comba, encontrou-se também na margem do curso de água um biface de talhe aparentemente amplo e bem marcado, possivelmente algo fruste, como se pode inferir da classificação que então lhe foi atribuída, “chelense ou abeviliense segundo a recente terminologia” (Correia, 1943, p. 77), na qual se reflectiam as mudanças a que então se assistia no estudo do Paleolítico em Portugal.

Já em 1943, num balanço sobre o paleolítico português, G. Zbyszewski, reportando-se de novo sucintamente à Mealhada, relacionava os materiais originalmente aí encontrados com as indústrias acheulenses e mustierenses, considerando-as agora explicitamente associadas à fauna de grandes mamíferos pliocénicos provenientes da mesma jazida, o que confirmava um equívoco que se havia de revelar persistente (Zbyszewski, 1943a). Paralelamente, num pequeno trabalho sobre os elefantes quaternários em Portugal, o referido investigador correlacionava o depósito de base desta jazida com a ocorrência da transgressão tirreniana, o que permitia interpretá-lo como sendo contemporâneo do interglaciar Mindel-Riss (Zbyszewski, 1943b).

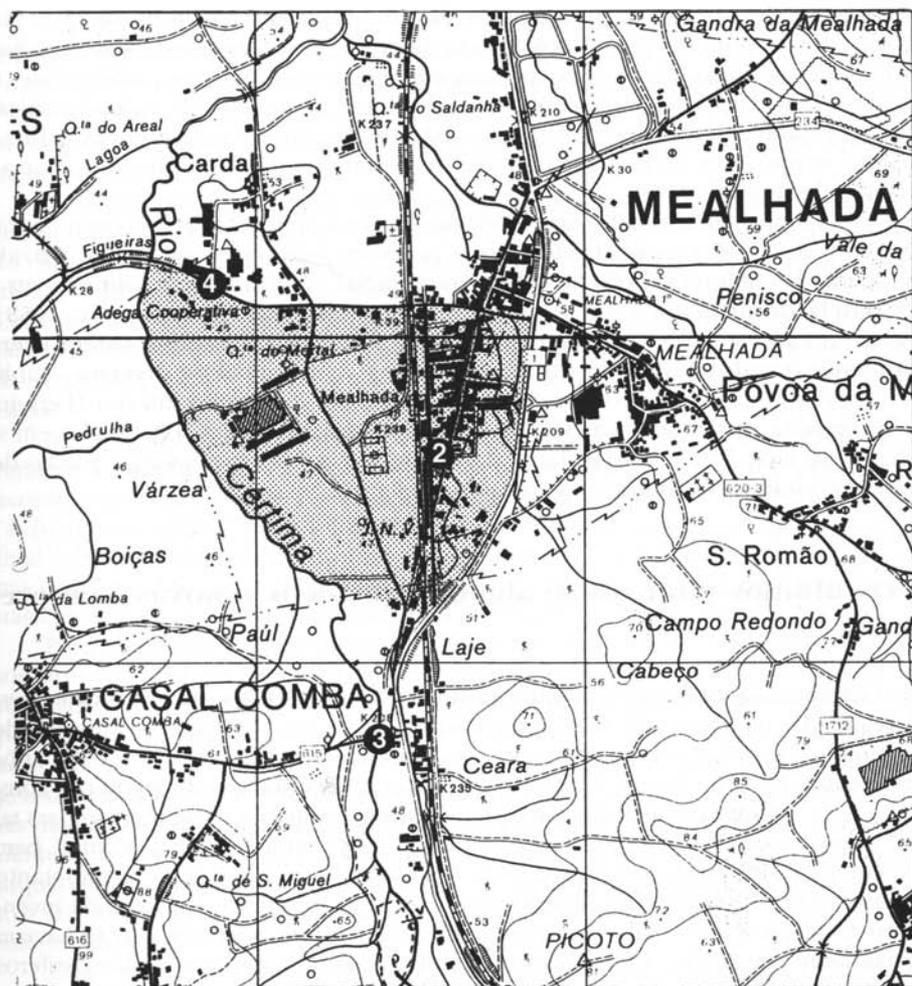


Fig. 2 – Localização dos principais achados arqueológicos e dos cortes estratigráficos observados na área da Mealhada (Carta Militar de Portugal, 1/25 000, folha 218). 1: zona provável de implantação dos poços abertos sob a orientação de J. F. Nery Delgado entre o fim de 1879 e meados de 1880 (assinalada em mancha cinzenta); 2: local de proveniência dos materiais líticos recolhidos em Maio de 1941; 3: artefacto isolado encontrado em Maio de 1941; 4: corte estratigráfico observado em 1966;

As peculiares condições de jazida dos achados iniciais da Mealhada determinaram ainda a realização de um novo estudo monográfico sobre esta estação arqueológica, publicado em 1944 por Carlos Teixeira (Teixeira, 1944). A atenção centrava-se agora na caracterização da respectiva flora, assinalando-se a presença em amostras de antigas colheitas das argilas da base de restos vegetais de *Salix cinerea*, de *Phragmites* e de *Pinus*, ao mesmo tempo que se identificam pólenes de *Pinus*, *Ericaceae*, *Quercus*, *Salix*, *Betula*, e *Ulmus*. Salientando o

predomínio de *Pinus* e a presença de *Betula*, Teixeira procurou conjugar tais dados com a fauna de mamíferos aí detectada e com os materiais líticos provenientes de camadas claramente posteriores, classificados como acheulenses e mustierenses. Desta forma tentava-se reconstituir as condições paleoclimáticas que acompanharam o desenvolvimento da estratigrafia local, sugerindo-se ao mesmo tempo que os níveis fossilíferos poderiam eventualmente remontar ao final da glaciação de Riss.

Alguns anos mais tarde, em 1958, numa nova síntese sobre o Quaternário em Portugal, G. Zbyszewski retomava a proposta inicial de considerar a jazida da Mealhada contemporânea do último interglaciar, referindo pela primeira vez a existência de artefactos em osso entre o seu espólio (Zbyszewski, 1958). Posteriores investigações incidiram a sua atenção nestes fragmentos ósseos eventualmente transformados de forma intencional em utensílios diversos, sublinhando o seu carácter inédito no âmbito do nosso Paleolítico inferior (Ferreira 1975; Ferreira e Barandiarán, 1971), embora tal situação não constituísse em si mesma um facto totalmente isolado, dado que se conhecem em várias jazidas do Paleolítico inferior de outros países casos similares³.

5. Os últimos vinte anos: alguns equívocos e novas interpretações

Culminando todos estes trabalhos, um século depois das primeiras descobertas realizadas na Mealhada, G. Zbyszewski publicou em 1977 um novo estudo de conjunto sobre esta importante jazida quaternária (Zbyszewski, 1977). Aí, após um resumo dos principais trabalhos anteriormente efectuados, começou por apresentar uma circunstanciada interpretação da sua estratigrafia, baseando-se para tal na análise dos cortes originais, ulteriormente reconstituídos por J. Fontes, bem como na descrição de um outro corte estratigráfico mais recente, entretanto observado em 1966 junto da Adegua Cooperativa da Mealhada. Em seguida inventariou e descreveu os materiais paleontológicos e arqueológicos que se haviam inicialmente recolhido, a eles acrescentando o estudo de novos restos ossíferos encontrados alguns anos antes na abertura do referido corte da Adegua.

Para sintetizar a estratigrafia dos vários cortes conhecidos na Mealhada, Zbyszewski dividiu o conjunto dos depósitos quaternários aí existentes em dois complexos principais. No primeiro complexo integrou as argilas negras fossilíferas da base da sequência e as camadas subseqüentes de argilas amarelas e azóicas, donde provinham os materiais arqueológicos referidos por C. Ribeiro e estudados por J. Fontes. As camadas mais grosseiras do topo dos cortes, abarcando níveis arenosos frequentemente intercalados por leitos de calhaus, correspondiam a um segundo complexo da série estratigráfica e representavam uma clara ruptura das condições de sedimentação em relação ao complexo anterior, reflectindo também uma modificação da situação climática subjacente.

³ Na jazida paleolítica de Fontana Ranuccio, por exemplo, localizada no Centro de Itália, identificou-se mesmo um biface elaborado surpreendentemente a partir da transformação por talhe de um osso longo de elefante (Segre e Ascenzi, 1984).

Na descrição dos vestígios paleontológicos assinalou-se a presença das espécies tradicionalmente aí referenciadas, a que se juntava um único osso de *Hippopotamus amphibius* e o astrágalo de um carnívoro indeterminado. Paralelamente, identificaram-se também alguns ossos com fracturas tidas como intencionais e outros com indícios de regularização de extremidades aparentemente funcionais.

Relativamente à utensilagem lítica, para além das quatro peças talhadas referenciadas por J. Fontes, Zbyszewski incluiu neste trabalho a descrição de mais 13 objectos líticos talhados, supostamente também provenientes dos trabalhos inicialmente efectuados no século XIX na jazida paleolítica da Mealhada. Curiosamente que a profundidade que era indicada para a recolha de algumas destas últimas peças sugeria a sua associação às argilas escuras fossilíferas da base da sequência estratigráfica, onde se haviam encontrado os mamíferos quaternários.

No que se refere à classificação destes materiais, o autor não se coibiu de repartir o conjunto das 17 peças estudadas por três séries diferentes, definidas de acordo com o seu estado físico, correspondendo as duas primeiras ao chamado "Acheulense médio" e a última ao "Acheulense médio e superior". Na síntese final sublinhava-se porém "a presença de elementos acheulenses e levalloisenses nas camadas de argilas e o aparecimento de objectos de tendência mustierense nas camadas de areias e de cascalheiras, sobrepostas" (Zbyszewski, 1977, p. 36).

Para a definição da cronologia da jazida procuraram-se conjugar os elementos provenientes da análise dos diferentes achados, incluindo obviamente os resultados dos estudos sobre a respectiva flora que já anteriormente haviam sido publicados. Desde logo a flora aí identificada indicava a ocorrência de um clima algo similar ao actual, embora menos quente, onde proliferaria uma fauna de grandes mamíferos característica de um período interglaciar. Ora, a conexão destes elementos com a dinâmica sedimentar dos depósitos, considerada correspondente a um fim de ciclo, bem como com a classificação atribuída aos materiais arqueológicos, permitiu a G. Zbyszewski sugerir a associação da jazida paleolítica da Mealhada a uma fase final do interglaciar Riss-Würm ou a um período interstadial do início da oltima glaciação.

Esta descrição e subsequente interpretação dos achados realizados na Mealhada, embora viesse apenas explicitar algumas ideias que germinavam já desde os anos quarenta, confirmando-as, não deixavam de transformar esta jazida num caso verdadeiramente singular no âmbito do Paleolítico em Portugal. Na verdade, não só se tratava de um local onde o conjunto dos materiais encontrados havia sido recolhido em estratigrafia, como também aí pretensamente se verificaria a associação dos vestígios arqueológicos com os elementos paleontológicos detectados. Esta última situação era ainda reforçada pela circunstância de entre os materiais osteológicos se terem identificado igualmente algumas peças transformadas em hipotéticos artefactos, a que mais tarde se vieram juntar outras que se considerava evidenciarem eventuais vestígios de uma intervenção antrópica (Penalva, 1987).

Não admira pois que nas mais recentes sínteses sobre o Paleolítico em Portugal a associação da fauna com os materiais líticos talhados seja por vezes mencionada como um dado adquirido (Raposo, 1984; Ribeiro, 1990), chegando-se mesmo a considerar a jazida da Mealhada como "uma ocorrência semelhante (embora muito mais pobre) à de Torralba-Ambrona" (Raposo, 1993, p. 59).

Apesar de tudo, reconhecia-se já porém a esta associação um nexos meramente casual, e não causal, como sucedia quando se procurava vislumbrar em situações análogas um testemunho inequívoco do paradigma do caçador paleolítico.

Paralelamente, tem-se assistido igualmente ao desenvolvimento de novos estudos sobre a fauna mamológica recolhida na Mealhada, o que permitiu identificar a presença de novas espécies e reequacionar também a questão da atribuída cronologia desta jazida quaternária (Antunes 1986; Antunes, Cardoso e Faure, 1988; Antunes e Cardoso, 1992).

Segundo os responsáveis por tais trabalhos, a identificação de espécies como o *Homotherium latidens* (tigre dente de sabre), a que correspondia o astrágalo de um carnívoro não identificado cuja presença havia sido anteriormente assinalada, e o *Hippopotamus incognitus*, sugere para estes achados uma maior antiguidade do que aquela que havia sido admitida por G. Zbyszewski ao relacioná-los com o fim do Riss-Würm ou com uma fase inicial do Würm. Com efeito, se no caso do primeiro fóssil referido a datação atribuída indicaria a sua presença na região numa altura em que a respectiva população se encontrava já claramente diminuída, quanto ao hipopótamo, a sua sobrevivência para além do início do Würm é considerada como pouco provável.

Não permitindo estes indicadores uma aferição mais precisa da cronologia dos achados, recorreu-se à análise dos objectos líticos talhados que haviam sido classificados por G. Zbyszewski (Antunes, Cardoso e Faure, 1988). Neste sentido, destacando a presença entre os materiais inventariados de um biface sobre lasca de morfologia cordiforme, de um núcleo piramidal também sobre lasca e de uma ou outra peça evidenciando o recurso à técnica Levallois, os autores reportaram estes vestígios no seu conjunto ao "Acheulense superior", considerando-o como contemporâneo do Riss. Tendo porém em conta a circunstância de a existência do *Hippopotamus incognitus* não ser compatível com um clima frio rigoroso, admite-se contudo a sua associação a uma fase interestadial do Riss.

6. Considerações finais

Uma análise criteriosa da informação disponível permite porém compreender a atribuída datação da jazida paleolítica da Mealhada, bem como questionar a validade de muitos dos pressupostos em assenta a já tradicional associação entre os materiais arqueológicos e os vestígios de grandes mamíferos plistocénicos.

Se num primeiro momento as balizas cronológicas propostas se revelavam relativamente fluídas, alicerçando-se numa pontual classificação da utensilagem que permitia relacionar algumas das peças com os denominados "tipos de St. Acheul" ou, posteriormente, integrá-las entre as indústrias "chelenses", com os anos quarenta, a identificação da fauna aí exumada como sendo típica de uma fase interglaciar começou por justificar a atribuição do depósito de base ao Riss-Würm, muito embora a sua subsequente conexão com a transgressão tirreniana, apontando para uma maior antiguidade (Mindel-Riss), tornasse perceptível

a contingência das correlações em que agora se procurava basear a datação desta jazida quaternária⁴.

QUADRO 1

Cronologia do Quaternário da Mealhada

Autores	Cronologia proposta (cronologia alpina convencional)	Critério de fundamentação da proposta
Ribeiro, 1884a	"Saint-Acheul"	Classificação da utensilagem lítica
Fontes, 1915-1916	"Chelense"	Classificação da utensilagem lítica
Zbyszewski, 1940	Riss-Würm	Fauna quente inter-glaciar (<i>Elaphas antiquus...</i>); correlação com Marrocos
Zbyszewski, 1943b	Mindel-Riss	Terraço interglaciar associável à transgressão tirreniana (cronologia altimétrica)
Teixeira, 1944	Riss	Análise da flora e da fauna; classificação da utensilagem lítica.
Zbyszewski, 1977	Riss-Würm – Würm inicial	Análise da flora e da fauna; interpretação do ciclo sedimentar; classificação da utensilagem lítica.
Antunes, Cardoso e Faure, 1988	Riss interestadial	Persistência na macrofauna de espécies antigas (<i>Homotherium latidens</i> e <i>Hippopotamus incognitus</i>); classificação da utensilagem lítica.

Porém, logo a partir de 1944, com o estudo então apresentado por Carlos Teixeira, a datação dos achados da Mealhada passou a ser determinada através da conjugação dos dados paleoambientais, decorrentes da análise dos pólenes, dos macrorestos vegetais, da fauna e dos respectivos depósitos sedimentares, com a cronologia que se inferia da classificação entretanto também adiada para os materiais líticos talhados. Registe-se aliás que esta última variável tem vindo a ganhar um peso cada vez maior nestes estudos, permanecendo no entanto a respectiva classificação estabilizada em torno de uma fase considerada genericamente recente da evolução do Acheulense ("Acheulense superior"), não obstante as variações observáveis na aferição final da cronologia da jazida.

Estruturar a datação de uma jazida como a da Mealhada na análise dos materiais líticos aí recolhidos é pouco prudente, tanto mais que os elementos de diagnóstico utilizados para o efeito não se afiguram concludentes. Além do mais

⁴ Em 1961, numa recensão da obra "Le Quaternaire du Portugal" publicada em 1958 por G. Zbyszewski, Eugène Bonifay sublinhava que "la grande importance attribué par l'auteur aux données altitudinales, rappelle l'époque où la théorie eustatique de Depéret, aujourd'hui largement dépassée, avait force de loi", para em seguida referir que "La chronologie adoptée par l'auteur peut surprendre par sa précision en ce qui concerne les périodes anciennes du Quaternaire (Sicilen Ia, Ib, II et leur palce dans la chronologie glaciaire), surtout sur le versant atlantique où les faunes marines sont beaucoup moins caractéristiques qu'en Méditerranée" (Bonifay, 1961, p. 287).

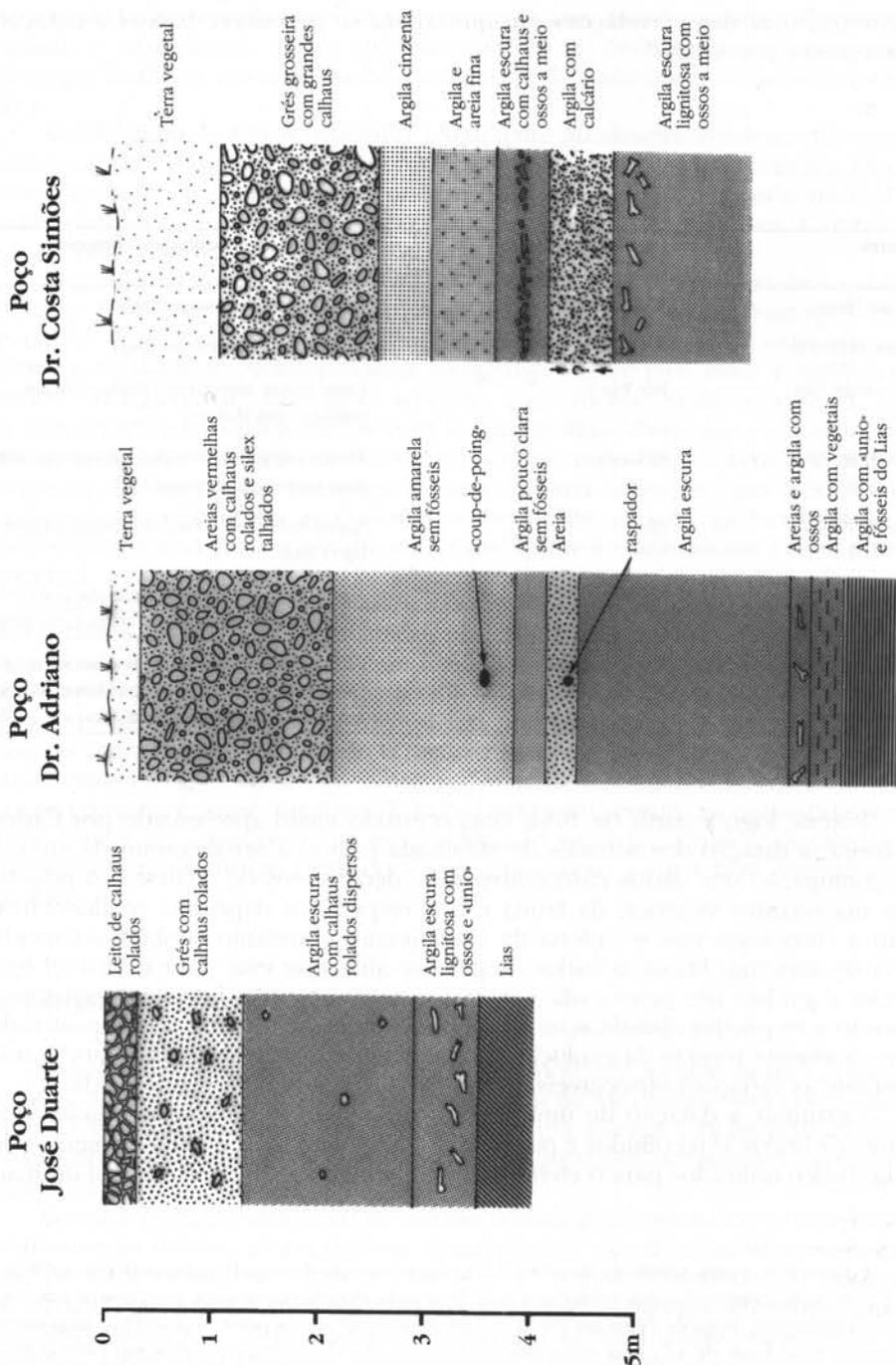


Fig. 3 – Cortes esquemáticos da estratigrafia observada nos principais poços originalmente abertos na jazida paleolítica da Mealhada, segundo a descrição posteriormente recuperada por J. Fontes.

não é crível do ponto de vista arqueológico determinar a classificação de uma pequena colecção de artefactos líticos com base nos atributos morfológicos de uma ou duas das suas peças e nas características técnicas de outras tantas, daí inferindo conclusões em termos cronológicos que se procuram usar em seguida como elementos de referência na definição da datação de uma jazida.

Por outro lado, a própria homogeneidade da colecção arqueológica estudada não está isenta de alguma ambiguidade. Com efeito, originalmente, J. Fontes referiu-se apenas à existência de 4 objectos líticos talhados, tendo procedido sumariamente à sua descrição individual, indicando para cada um o seu local de proveniência (poço) e a profundidade a que foram recolhidos. Quando algumas dezenas de anos mais tarde G. Zbyszewski se reporta a um total de 17 peças talhadas, nelas incluindo as 4 anteriormente estudadas, limita-se em relação às restantes a assinalar, sempre que possível, a sua proveniência de um dos poços originalmente abertos na Mealhada e a profundidade a que aí se encontravam, ignorando manifestamente a circunstância de haverem permanecido inéditas durante tanto tempo.

Curiosamente, são também estas peças talhadas cuja existência só mais recentemente foi assinalada que permitem corroborar a ideia de que na jazida da Mealhada se registaria uma associação entre os materiais arqueológicos e os vestígios de fauna quaternária, já que a profundidade a que algumas delas terão supostamente sido detectadas indicaria a sua proveniência da camada de argilas fossilíferas da base da sequência.

Não deixa aliás de ser estranho o facto de as duas únicas peças agora expressamente oriundas do poço de José Duarte haverem sido encontradas, de acordo com as indicações de G. Zbyszewski, a uma profundidade que a própria abertura do citado poço não atingiu (4,93 m), tendo como certas as informações recolhidas por J. Fontes que lhe permitiram reconstituir a respectiva descrição estratigráfica.

Mas admitir que J. Fontes terá deliberadamente seleccionado apenas 4 das peças recolhidas, optando naturalmente pelas mais expressivas, confronta-se com a circunstância de entre os materiais eventualmente omitidos estar um biface plano sobre lasca e alguns núcleos explorados de forma relativamente intensa, tudo peças de significado não despiciente, mesmo para uma caracterização sumária do espólio. Acresce que Fontes não só lamenta o reduzido número de materiais líticos recolhidos, justificando tal facto pelo método de escavação usada na abertura dos poços, como também se refere expressamente à sua dissociação da fauna: "On y a creusé un puits jusqu'au Lias, on l'a élargi ensuite et on a ouvert des galeries dans la couche d'argile, c'est à dire dans celle qui renfermait un plus grand nombre de fossiles, tandis que la couche de sable argileux qui la surmonte n'a été traversée que par les puits, quoiqu'il semble que tous les instruments taillées en proviennent" (Fontes, 1915-1916, p. 13).

As próprias considerações inicialmente aduzidas por Carlos Ribeiro, embora de uma forma mais vaga, referem a descoberta de utensílios talhados similares aos de "Saint-Acheul" numa camada que se sobrepunha aos níveis donde provinham os vestígios paleontológicos. Seria aliás no mínimo estranho que este autor ignorasse a presença de instrumentos de pedra talhada no mesmo depósito onde se haviam detectado vestígios paleontológicos de grandes mamíferos,

tanto mais que tendo considerado esta fauna como pliocénica, tal situação configuraria um importante testemunho probatório não só da grande antiguidade do homem, mas também da sua presença no Terciário, o que constituía então um desígnio prioritário da sua investigação.

Outro argumento adicional esgrimido em defesa da alegada associação do material arqueológico com a fauna, traduziu-se na identificação de alguns ossos plistocénicos que se pressupunha terem sido deliberadamente transformados em vários tipos de utensílios. Esta hipótese foi ainda posteriormente reforçada com o eventual reconhecimento de outros vestígios da acção do homem nalguns dos ossos exumados (Penalva, 1987). Contudo, trabalhos de investigação recentes ignoraram ostensivamente esta última possibilidade, não deixando de considerar ao mesmo tempo também como incerta a confirmação dos supostos artefactos em osso (Cardoso, 1993).

A jazida paleolítica da Mealhada configura assim uma situação em que apenas é possível associar o espólio arqueológico e os vestígios de mamíferos plistocénicos aí recolhidos a um contexto estratigráfico preciso, embora entre eles bem diferenciado. A circunstância de se integrarem num depósito sedimentar de baixa energia, cuja génese poderá ter correspondido a um ambiente lagunar ou de um antigo braço de rio, deixa apenas entrever a possibilidade de tais materiais se poderem encontrar numa posição primária, o que confere ao local um destaque potencialmente ainda mais significativo no âmbito dos estudos do Paleolítico em Portugal.

Quando nos anos oitenta realizámos uma campanha de prospecções na bacia hidrográfica do rio Vouga, não pudemos obviamente deixar de considerar a zona da Mealhada como uma das áreas onde devíamos fazer incidir prioritariamente a nossa atenção. Os resultados não se revelaram contudo encorajadores, já que a profundidade a que se haviam efectuado a generalidade dos achados nesta jazida não se coadunava com a realização de meras observações de superfície. Apenas na parte norte da Vila, num corte aberto pelas fundações de uma nova construção, foi possível observar parcialmente a estratigrafia dos depósitos quaternários locais, muito embora a pouca profundidade do nível freático aí existente tivesse impedido o seu exame de forma adequada.

Por outro lado, a ausência de um cadastro dos prédios rústicos até ao advento da República, em 1910, inviabilizou paralelamente a tentativa de se estabelecer com precisão a localização dos poços abertos no século XIX e identificados pelos nomes dos proprietários dos terrenos onde se situavam. As informações recolhidas na localidade permitem porém circunscrever a sua implantação a uma área que se desenvolve entre o actual núcleo urbano da Vila e o leito do rio Cértima, sendo delimitada a norte por uma linha que passa sensivelmente pelas instalações da Adegas Cooperativas, enquanto a sul vai até perto do local onde a EN1 atravessa a linha férrea do Norte (vd. fig. 2). Trata-se de uma zona que corresponde à área urbana de desenvolvimento da Vila da Mealhada, encontrando-se hoje em boa parte ocupada por inúmeros edifícios recentes, o que dificulta ainda mais a possibilidade de se vir a dar continuidade aos trabalhos de investigação iniciados em 1879. Daí que já em 1984 tivéssemos exprimido a necessidade de “ver todas as remoções de terras que aí se realizem acompanhadas por um técnico de arqueologia, de forma a se poder preservar os testemunhos arqueológicos e paleontológicos que possam ainda existir” (Ribeiro, 1984, p. 10).

Bibliografia

- ANTUNES, M. T. (1986) – Acerca de um osso do plistocénico da Mealhada: presença de um “tigre dente de sabre”, *homotherium latidens* – Owen, 1846. *Ciências da Terra*. Lisboa. 8, p. 43-54.
- ANTUNES, M. T. e CARDOSO, J. L. (1992) – Quaternary elephants in Portugal: new data. *Ciências da Terra*. Lisboa. 11, p. 17-37.
- ANTUNES, M. T.; CARDOSO, J. L.; FAURE, M. (1988) – Présence de Hippopotamus incognitus au Portugal et remarques sur les sites quaternaires de Mealhada. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 74, p. 165-172.
- BARANDIARÁN, I. e FERREIRA, O. da V. (1971) – Huesos labrados en el Paleolítico antiguo y medio de Portugal. *Arqueología e História*. Lisboa. S. 9. 3, p. 31-54.
- BONIFAY, E. (1961) – Compte-rendu de G. Zbyszewski, Le Quaternaire du Portugal. *L'Anthropologie*. Paris. 65, p. 286-288.
- CARDOSO, J. L. (1993) – *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Oeiras: Câmara Municipal. p. 567.
- CORREIA, V. (1912) – O Paleolítico em Portugal. Estado actual do seu estudo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 1. 17, p. 55-62.
- CORREIA, V. (1943) – Novos instrumentos da estação paleolítica da Mealhada. In *IV Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências*. Porto. 8, p. 76-77.
- FERREIRA, O. da V. (1975) – Os rinocerontes quaternários encontrados em Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 59, p. 15-25.
- FONTES, J. (1911) – Contribution à l'étude de la période paléolithique en Portugal. In *Compte-rendu du Congrès Préhistorique de France, Session de Nîmes*. Nîmes. 7, p. 137-145.
- FONTES, J. (1923) – *O Homem Fóssil em Portugal*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Imprensa Nacional. p. 91.
- FONTES, J. (1932) – A Questão do Homem Fóssil em Portugal. *Arquivo Histórico*. Lisboa. I. 1, p. 11-26.
- FONTES, J. (1915-1916) – Station paléolithique de Mealhada. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 11, p. 7-15.
- GRAYSON, D. K. (1986), *The Establishment of Human Antiquity*. New York: Academic Press. p. 262.
- JALHAY, E. e PAÇO, A. do (1941) – Páleo e mesolítico português. *Anais da Academia Portuguesa de História*. Lisboa. 4, p. 7-101.
- PAÇO, A. do (1934) – Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal. *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. 1. p. 23-47.
- PENALVA, C. (1987) – Les industries acheuléennes du Portugal. *L'Anthropologie*. Paris. 91. 1, p. 45-68.
- RAPOSO, L. (1984) – As comunidades de caçadores-recolectores do Paleolítico. In *História de Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa. 1, p. 31-61.
- RAPOSO, L. (1993) – Paleolítico. In *Pré-história de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta. p. 39-111.
- RIBEIRO, C. (1884a) – Discours du secrétaire du Congrès. In *Compte Rendue du Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique, 9^{me} session, Lisbonne*. Lisboa. p. 12-18.
- RIBEIRO, C. (1884b) – L'homme tertiaire en Portugal. In *Compte Rendue du Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique, 9^{me} session, Lisbonne*. Lisboa. p. 81-118.
- RIBEIRO, J. P. C. (1984), *Levantamento das formações quaternárias da bacia inferior do Vouga com interesse arqueológico*. Relatório policopiado apresentado ao Instituto Português do Património Cultural. Porto.
- RIBEIRO, J. P. C. (1990) – Os primeiros habitantes. In *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença. 1, p. 15-74.

- SEGRE, A. G. e ASCENZI, A. (1984) – Fontana Ranuccio: Italy's earliest middle Pleistocene hominid site. *Current Anthropology*. Chicago. 25, p. 230-233.
- SOUTO, A. (1939) – A Geologia do Quaternário e o homem paleolítico do vale do Cértima. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro. 17, p. 4958.
- TEIXEIRA, C. (1944) – A estação arqueológica da Mealhada e a sua cronologia. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 10. 3-4. p. 139-154.
- ZBYSZEWSKI, G. (1940) – *Contribution a l'étude du littoral quaternaire au Portugal*. Porto. p. 50 (Publicações do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências do Porto; 15).
- ZBYSZEWSKI, G. (1943a) – La classification du Paléolithique ancien et la chronologie du quaternaire du Portugal en 1942. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Lisboa. 2. 1-3, p. 3-111.
- ZBYSZEWSKI, G. (1943b) – Les éléphants quaternaires du Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 24, p. 71-94.
- ZBYSZEWSKI, G. (1958) – Le Quaternaire du Portugal. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Lisboa. 13. 1-2, p. 1-225.
- ZBYSZEWSKI, G. (1977) – *Nova contribuição para o conhecimento da jazida quaternária da Mealhada*. Coimbra. p. 37 (Memórias e Notícias. Publicações do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra; 84).
- ZILHÃO, J. (1993) – As origens da arqueologia paleolítica em Portugal e a obra metodologicamente precursora de J. F. Nery Delgado. *Arqueologia e História*. Lisboa. S. 10. 3, p. 111-125.